

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

PROFESSOR DE TEATRO: um artista na sala de aula
(As vozes que me falam)

Bruna Casali da Silva

Porto Alegre
Dezembro de 2015

“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

Álvaro de Campos

Agradecemos

À minha mãe, Luciana, que tem o sorriso mais acolhedor do mundo. Obrigada pelo apoio incondicional, pela paciência e por apostar no meu sonho.

Ao meu pai, Mário Sérgio. Sou muito grata por esses anos de faculdade que me fizeram conhecer melhor o meu paizinho. Aprendi muito e hoje tenho orgulho de te reconhecer um pouco em mim.

Ao meu querido orientador e mestre Mesac. Tua fala é inspiração, quisera eu tocar e provocar meus alunos assim como fui tocada e provocada por ti. Muito obrigada por me permitir desenquadrar.

Aos meus companheiros de apartamento, Laura e Miguel, por aguentarem constantes sessões de desabafo e longas madrugadas de escrita acompanhadas de chocolates vindos na hora certa!

Aos meus colegas da peça “William Despedaçado”, sem vocês Ofélia B. não seria possível. Cresci muito durante este ano que dividimos, foi ótimo conhecê-los e me despedaçar junto com vocês.

Aos meus colegas da peça “Aos Sãos”, em especial a minha amiga Thaís por confiar no meu trabalho desde que o seu estágio ainda não era estágio. Foi lindo dar voz a milhares de pessoas ao lado de vocês.

Aos queridos alunos do teatro da turma 203 do Colégio Aplicação que, sem saber, testemunharam minhas crises, meus medos e, principalmente, minha felicidade. Obrigada por me ajudarem a descobrir tantas vozes que me falam.

À professora Ana Fuchs que com tanto carinho e paciência me deu a mão e me guiou por caminhos desconhecidos.

Ao Lolo, Lorenzo, quem eu aprendi a amar durante esses quatro anos de caminhada lado a lado.

À Carina e ao Camelo, por serem meus “english teachers”.

Aos meus colegas de faculdade que, sempre com um olhar generoso, enriqueceram meu trabalho e minha vida.

Às vozes que tanto me falam e que não me deixam ficar só.

E a você que nos lê, obrigada!

Resumo

O que é ser artista? E o que é ser professora? A presente pesquisa pretende refletir sobre o fazer do professor-artista através da análise da experiência vivida a partir da disciplina de estágio de docência em teatro II, realizada no segundo semestre de 2015 no Colégio de Aplicação da UFRGS junto à turma 203, com alunos de 15 a 17 anos. Tal análise dá-se através de uma conversa entre quatro vozes que compõem e perpassam a vida da autora. Um diálogo poético-crítico a cerca do artista dentro da sala de aula.

Palavras – chave: Professor, Artista, Teatro

Abstract

What being an artist really means? And being a teacher? This research intends to reflect about the doing of a teacher-artist, through analyses of the experience acquired during the subject Teaching in Theatre Internship II. The internship was performed in the school Colégio de Aplicação da UFRGS, in the second semester of 2015, alongside with the class 203, with student's range from 15 to 17 years old. Such analyses are given through a conversation between four voices that compose and pervade the author's life. In a poetic-critic dialogue about the artist inside the classroom.

Key words – Teacher; Artist; Theater;

Sumário

Por onde começamos	6
Quem somos? Como Vivemos?	8
<i>As vozes que me falam</i>	11
Prólogo de uma pequena esquizofrenia.....	11
Primeira Aula - Quem é de onde vem?.....	11
Segunda Aula – Do silêncio que sou OU As prisões que se foram.....	14
Terceira Aula – a PEQUENEZA diante do caos.....	15
Quarta Aula – O reflexo de nós.....	17
Quarta Aula.1 – Uma pequena apresentação.....	19
Quinta Aula – Entre pinturas e brincadeiras.....	19
Sexta Aula – Uma cena de teatro.....	21
Sétima Aula – A sensação de ser olhada.....	22
Oitava Aula – Tempos fluidos.....	24
Nona Aula - Últimas costuras.....	25
O Arranjo Final.....	25
Aonde chegamos até agora?	27
Referências que encontramos	30

Por onde começamos

A presente pesquisa é fruto de um semestre intenso, cheio de trabalho. Sair da sala de ensaio, ir para a sala de aula. Carregar na mesma mochila a dramaturgia de William Shakespeare e a teoria de Viola Spolin. Essa realidade traz a tona questionamentos sobre “O que é ser professora? E o que é ser artista?”. Percebo que não sou uma coisa ou outra, sou ambas. Sou o casamento entre a arte e a docência. Sou uma artista dentro da sala de aula. Mas como levar o trabalho desenvolvido nos palcos para dentro da escola? De que maneiras a prática artística do professor de teatro pode alimentar minha prática docente no ambiente escolar?

Na intenção de responder a essas perguntas encontro pessoas que, através de seus textos, apresentam-me ao termo “professor-artista”. Composto por dois substantivos, a expressão une aquele que é perito ou muito versado em qualquer das belas-artes¹ e aquele que faz da arte meio de vida, que revela sentimento artístico². E dentro deste conceito genérico existem várias ramificações sobre o professor-artista. A professora Sandra Favero, baseada nos escritos de Edgar Morin, atenta para o paradoxo que existe entre a complexidade do fazer artístico/teatral e a pressão por produção quantitativa e objetiva dentro da escola, cada vez mais acelerada pela burocracia que, diariamente, é transferida aos professores. Favero problematiza essa questão quando afirma que:

“O professor-artista como um propositor, portador de uma necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Um corpo criador/ um corpo professor, no mesmo corpo”. (FAVERO, 2006)

Essa ideia é complementada na fala de Rossana Della Costa que, analisando experiências de formação de professores-artistas, trás como elemento primordial na trajetória do professor de teatro a paixão, em seu sentido mais amplo. A paixão que às vezes “[...] desorienta, inebria, desestabiliza nossas certezas, mas inevitavelmente promove experiência e induz deslocamentos.” (DELLA COSTA, 2009). Della Costa também observa que pedagogia e teatro não são unidades separadas, dando ainda

¹ Definição do verbete Professor segundo o dicionário online Michaelis. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=professor>> Consultado em 27 de junho de 2015.

² Definição do verbete Artista segundo o dicionário online Michaelis. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=artista>> Consultado em 27 de junho de 2015.

mais força e significado ao termo professor-artista. A proximidade entre a pedagogia e as artes cênicas também é pauta discutida por Kamila Debortoli no artigo “Professor-artista ou professor e artista?”. Em sua escrita Debortoli evoca as diferenças que existem entre o teatro desenvolvido dentro e fora da sala de aula e destaca o descaso e, em certos casos, até o menosprezo com o teatro feito na escola dizendo que:

“É certo que o ambiente escolar implica em algumas limitações que não são encontradas em espaços designados somente para práticas artísticas. Muitas escolas também não compreendem totalmente as necessidades desta prática e do profissional que a realiza. Estas constatações contribuem para que algumas instituições de ensino ainda não sejam compreendidas como espaços que possibilitam processos artísticos e criativos consistentes.”. (DEBORTOLI, 2011, p.91)

Em meio aos textos encontro também a fala do professor Gilberto Icle, que propõe pensar o professor-artista não como “[...] alguém que ensina teatro, mas como alguém que cria, que pesquisa, que inventa, alguém que não deixa de ser ator ou diretor ao trabalhar com seus alunos” (ICLE, 2010, p.145)

Pensando nisso e nas experiências que tive na minha caminhada como professora de teatro em formação, escrevo:

Entro na sala de aula e um filme passa em minha cabeça. O frio na barriga, a ansiedade, o receio do desconhecido... A sensação é semelhante a um dia de estreia.

Então eu os vejo. São muitos olhares, cada um deles me diz algo diferente. Há aqueles que são desconfiados e curiosos, querem saber tudo o que há para saber sobre tudo. Há os tímidos e envergonhados que viajam por cada canto da sala para não cruzarem com outros olhares. E há aqueles que olham fundo nos meus olhos, parecem-me dizer que sentimos o mesmo e acredito que é aí que nosso teatro começa.

Despretensiosamente, conto um pouco da minha história e de como o teatro entrou na minha vida. Em determinado momento um dos alunos me pergunta:

-Mas por que teatro?

“Mas por que teatro?”, repito a pergunta em minha cabeça e não consigo traduzir o sentimento em palavras. Na falta de uma resposta melhor, caio no clichê e digo que o teatro é o que me faz sentir completa.

As aulas seguem como o planejado até o dia da avaliação. Um por um os alunos sentam na minha frente e me escutam falar sobre seu desempenho em nossa aulas.

Não é uma tarefa fácil. Nada fácil. Eles também me dizem como acham que estou me saindo. A maioria das respostas é positiva (Graças a Deus!) mas uma em especial chama minha atenção. Uma menina tímida, daquelas de olhar viajante que tenta se esconder dentro de si - e que me faz lembrar de como eu era quando tinha a idade dela- me diz que é bonito ver o teatro através do meu olhar e que nossas aulas a fazem sentir segura e... completa! Mais uma vez é impossível por em palavras o que sinto. Então, quando novamente surge na minha cabeça a pergunta “Mas por que teatro?” respondo a mim mesma:

Por isso! Por tudo isso!

Depois desta reflexão e em meio a tantos textos lidos, percebo que, talvez, o que tenha me feito eleger a licenciatura em teatro seja o desafio de levar a outras pessoas a minha paixão, a necessidade do autoconhecimento e a vontade de superar as expectativas. Mas como fazê-lo? Como levar essa arte que pulsa dentro de mim até os jovens alunos que enxergam o teatro através do meu olhar?

Através do meu olhar...

Quantos olhares posso ter sobre mim mesma e sobre que faço? Procuo respostas a partir daí.

Quem somos? Como vivemos?

Neste trabalho, somos quatro no total. Somos quatro e somos uma. Uma análise do fazer do professor-artista dentro da sala de aula. Uma conversa entre o que faço, o que ensino, o que aprendo e o que sinto. Somos quatro olhares que ecoam o mesmo trabalho, somos quatro vozes que refletem o mesmo ser.

A mais velha delas, a artista, não sabe bem quando e nem se nasceu, ela se sente como uma borboleta que saiu do casulo, um animal que cresceu demais e não coube mais em seu exoesqueleto. Ainda guarda em si a lembrança da primeira vez no palco. O nervosismo, a frustração por ter sido escolhida para um papel tão pequenino e, mesmo que sua mãe insistisse em exaltar sua importância, ela sabia que era um tanto insignificante. A menina tímida do interior que precisou reunir coragem para lutar pelo seu sonho. Soa um pouco clichê, ela sabe, mas é a verdade. E nessa de aprender a ser atriz também aprendeu quem ela é e quem ela pode ser. Descobriu medos e forças que ela nem imaginava que tinha. Ela também aprendeu que, apesar de gostar de se enxergar como uma guerreira, inabalável, também pode ser frágil e se deixar cuidar.

No início do ano de 2015, a artista ganhou companhia. Primeiro veio Maria Antônia, personagem da peça “Aos são”. O espetáculo conta um pouco da história do hospital psiquiátrico Colônia, maior hospício do Brasil que funcionou até os anos 80 na cidade de Barbacena, no estado de Minas Gerais. Maria Antônia, ou Toninha, é a costura de várias mulheres que viveram nos pátios do Colônia. Essas mulheres tiveram suas histórias registradas pela jornalista Daniela Arbex, que publicou em 2013 o livro-reportagem “O Holocausto Brasileiro”. Toninha é filha de Sônia, de Sueli e de muitas outras que morreram, que sofreram, que passaram fome e frio. Toninha é a filha a quem foi dada a voz para denunciar a barbárie humana através da arte.

Pouco tempo depois nasceu Ofélia B., releitura da Ofélia shakespeariana, que ganhou vida através da peça “William Despedaçado”, uma celebração, vestida de Shakespeare, da estupidez humana. Ofélia B. carrega consigo a essência da serpente e, por isso, já não cabe mais em suas inseguranças, sua alma conturbada que antes silenciava agora grita, berra. Renascida das águas e mais misteriosa do que nunca ela traz em seu peito estampas de paixão e coragem. Ofélia, esta Ofélia não se arrasta pelo rio de águas turvas ao encontro de uma morte lamacenta, esta Ofélia dança, celebra, festeja.

Pode-se dizer que Toninha e Ofélia B. são como irmãs, quase que gêmeas. Nasceram praticamente juntas e uma bebe da outra. Duas loucas! Loucas? Quem pode julgar a sanidade? Toninha ensinou Ofélia B. a força que uma mulher pode ter, ao passo que Ofélia B. canta e dança para que Toninha seja menos triste no meio de tanta solidão. São como irmãs, quase gêmeas, geradas em óvulos diferentes, concebidas pelo mesmo ventre.

Eis que surge a última voz, a professora. É preciso dizer que ela é fruto da insistência, não de um desejo inicial. A professora hoje está, mas nem sempre esteve. Ela anda numa corda bamba que, a cada passo dado, se torna mais firme e sólida. A professora precisa de auto reconhecimento constante. É como se ela tivesse vivido toda sua vida diante de um espelho, mas completamente no escuro. Agora, aos poucos, as luzes começam a se acender e é possível ver uma leve silhueta refletida. Ainda não há foco na imagem que está no espelho, mas ela está lá, e isso basta para que haja o desejo de que as luzes não se apaguem mais. A claridade começou a surgir quando a professora saiu de sua primeira experiência dando aula. O caos instaurado, que seria motivo suficiente para que ela desistisse, estranhamente serviu como estímulo para que ela continuasse tentando.

(É preciso dizer aqui que a teimosia é característica das quatro vozes que me falam. Por hora, ela é inevitável)

Depois disso as luzes da sala continuaram se acendendo até que a escuridão foi dando lugar à penumbra. Isso se deu, precisamente (ou quase precisamente) no segundo semestre do ano de 2015 quando aconteceu a disciplina de Estágio de Docência em Teatro II. No decorrer do semestre, e como parte da súmula da disciplina, foram ministradas 10 aulas para os alunos da turma 203 do Colégio de Aplicação da UFRGS que demonstraram interesse em trabalhar com cultura pop, música e dança. Pensando a partir desta vontade dos alunos foi desenvolvido um trabalho que resultou na apresentação de um *flashmob*³ e que envolveu dança, performatividade e ocupação de espaços alternativos. Durante essa prática houve a reunião das quatro vozes, que construíram e analisaram esta experiência.

Assim sendo, eis o que as vozes me falam.

³[...] atos performativos que reconectam indivíduos com seus ambientes de modo coletivo, criativo e lúdico, desafiam a rotina do dia-a-dia e o modo dominante e passivo de pensar e se relacionar com o seu entorno. (ALBACAN, 2014).

As vozes que me falam

Prólogo de uma pequena esquizofrenia

(Dia 16 de setembro de 2015, 21:35. Em um quarto estão a professora e a artista. Um pequeno abajur de luz fria ilumina o rosto da Artista que está deitada na cama enquanto A Professora, inquieta, anda de um lado para outro)

A Professora: Será que eles vão gostar?

A Artista: Eles vão amar!

A Professora: A sua vaidade não tem se mostrado muito colaborativa, tenho meus motivos para desconfiar.

A Artista: Minha vaidade pouco tem a ver com a tua falta de segurança. O plano já está arquitetado, como os traços de um mapa...

A Professora: Um mapa que me leva a um lugar que eu não sei onde é.

A Artista: Como nas grandes navegações, uma aventura! Vamos, anime-se... Somos marujos neste navio que vai zarpar rumo a águas misteriosas. E quantas coisas lindas um mistério pode esconder? Tenha um pouco de fé!

A Professora: Quem ouve você falar até pensa que você não tem medo de tempestades.

A Artista: Não nego que a tormenta me apavora. Mas foi por encarar o medo da escuridão do desconhecido que nós estamos aqui, juntas. Tão distante de onde começamos e tão longe de onde queremos chegar.

A Professora: Nós já vivemos no mistério...

A Artista: Icem as velas e vamos ao próximo porto!

Primeira Aula – Quem é de onde vem?

(Dia 17 de setembro de 2015, 12:15. Estão na sala de teatro do Colégio Aplicação A Professora, A Artista e Ofélia B. A sala tem as paredes pretas e duas cortinas estendem-se do teto ao chão, formando coxias. Dois refletores iluminam uma pequena

área enquanto o resto da sala permanece no escuro. Enquanto A Artista e A Professora estão deitadas, lado a lado, no chão iluminado, Ofélia B dança no canto oposto da sala, na penumbra.)

A Artista: Você acha que conseguiu conhece-los?

A Professora: Claro que ainda não posso me considerar perita em cada um dos 12 universos que me foram apresentados hoje, mas acredito que consegui explorar um pouco de cada território.

(Ofélia B. dança)

A Artista: Ontem éramos piratas, hoje já somos astrônomas.

A Professora: Tudo é mutável.

A Artista: Inclusive os universos. As coisas se chocam o tempo inteiro. O que não conhecemos colide com o que não entendemos e, de repente, lá está; algo absolutamente novo, ainda mais misterioso do que o originou, só esperando que alguém olhe pra ele e o descubra.

A Professora: Desde quando você estuda os movimentos cósmicos?

A Artista: Não estudo, mas observo as pessoas, o que é praticamente a mesma coisa. Meu universo olhando para o universo dos outros, nossos corpos celestes se chocando e criando coisas lindas...ou terríveis!

(Ofélia B. dança)

A Professora: Prefiro ficar apenas com o que for lindo.

A Artista: E você acha que pode escolher o que vai ser?

A Professora: Não é uma questão de escolha, mas sim de condução. É claro que sei que não posso prever um resultado, mas, como professora, posso conduzi-lo para onde eu desejar.

A Artista: Você quer forçar a colisão entre os universos e espera que isso seja lindo?

(Silêncio. Ofélia B. dança)

A Professora: Eu desejo que seja lindo, eu planejo isso.

A Artista: Ah, os seus planos...

A Professora: Você deseja que seja terrível?

A Artista: Eu desejo que seja, que aconteça, que transforme e que mova.

A Professora: Você deseja o teatro.

(Ofélia B. dança)

A Artista: Exatamente. O teatro que eles me trouxeram.

A Professora: E nós? Nós não trouxemos nada?

A Artista: É inevitável trazer alguma coisa. Mesmo um viajante sem bagagem traz alguma coisa.

A Professora: Você tem razão. *(pausa)* Nós já temos certa bagagem acumulada, certo?

(A Artista olha A Professora nos olhos e sorri)

A Professora: Está certo, está certo... Acho que me equivoquei ao propor o trabalho com dança. Definitivamente este não é um assunto que esteja em nossa bagagem.

A Artista: Não são apenas nossas malas que compõe a bagagem. *(Olha para Ofélia B. que ainda dança na parte escura da sala)*

A Professora: Ela não sabe dançar.

Ofélia B.: Eu tenho um corpo e ele se mexe. Eu. Sei. Dançar.

(O rosto de Ofélia B. é revelado à medida que ela se aproxima da luz)

A Professora: Eu não quis ofender, me desculpe.

Ofélia B.: E não ofendeu. Eu conheço as suas inseguranças, são comuns às minhas e, por muitas vezes, elas fazem com que nossos julgamentos sejam precipitados.

A Artista: Pois eu julgo que somos inseguras e vaidosas que não sabem dançar.

A Professora: E loucas!

A Artista: A loucura ainda não ganhou suas falas. Tudo há seu tempo...

Ofélia B.: Insisto, podemos não ser dançarinas, mas nada nos impede de dançar.

A Professora: E como vou ensiná-los a dançar?

Ofélia B.: Ensina-os a se desprender das amarras, a dança vem depois. Tudo há seu tempo.

Segunda Aula – Do silêncio que sou OU As prisões que se foram

(Dia 24 de setembro de 2015. Não temos relógio. Ofélia B, A Artista e A professora observam a chuva cair e o céu escurecer da pequena janela da sala de estar.)

Ofélia B.: Eu sou Ofélia.

A Artista: Mergulhada no silêncio profundo ela se move devagar.

Ofélia B.: Aquela que o rio não conservou. A mulher...

A Professora *(interrompendo Ofélia B.)*: A mulher com as veias cortadas.

A Artista: Ontem deixei de me matar.

A Professora: Ontem comecei a nascer.

A Artista *(olhando para as companheiras)*: Estou só com meus pensamentos, minhas certezas e minhas questões.

Ofélia B.*(olhando para as companheiras)*: E com meus seios, minhas coxas e meu ventre.

A Professora *(olhando para as companheiras)*: E com essas vozes e com esse silêncio.

Ofélia B. e A Artista: Rebento os instrumentos do meu cativeiro...

Ofélia B.: ...A cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar.

A Artista: Seria minha mente também um campo de batalha onde grandes guerreiros da imaginação pelejam arduamente com a razão que insiste em enraizar os pensamentos no concreto?

A Professora: Destruo e reconstruo constantemente meu lar e minha mente.

(Ofélia B aproxima-se lentamente da janela observando as gotas de chuva que trilham seu caminho pelo vidro. Ela pausa com calma as mãos na janela e encosta a testa no vidro gelado)

Ofélia B: Escancaro as portas para que o vento possa entrar...

A Artista: ...e ele vem feroz, desestruturando o que antes era firme...

A Professora: ...é como uma brisa suave que pode mover montes e montes de areia...

Ofélia B: ...despedaço a janela...

A Professora (*olhando para suas mãos*): Rasgo fotografias das inseguranças que fui e que se serviram de mim. Taco fogo na prisão dos pensamentos que insistem em julgar...

Ofélia B: Exumo do meu peito o relógio que era meu coração...

A Professora: Ainda a tempo para isso? Ah, como é difícil destroçar essa insegurança.

Ofélia B (*abrindo a janela, deixando a chuva entrar, olhando para A Professora*): Vou pra rua. Vamos. Vamos?

A Professora: Vestida na minha própria alma.

A Artista (*à parte*): Mergulhada no silêncio profundo ela se move devagar e já não está mais onde começou. Eu não sou mais o que era ontem. E amanhã não serei. E depois continuarei não sendo. E depois de depois seguirei não sendo. E nesse não ser, sou. Sou aquela que o rio não conservou, sou aquela que fica depois que o vento passa.

Terceira Aula – a PEQUENEZA diante do caos

OBSERVAÇÃO: Antes de continuar a leitura é preciso que se atente para alguns acontecimentos que mudaram o rumo da história. Desta história. Da história do mundo, do meu mundo. Pois bem, vamos aos fatos:

1. O Colégio de Aplicação da UFRGS está localizado a aproximadamente 17,4 km de distância do centro de Porto Alegre.
2. A viagem de ônibus do centro de Porto Alegre até o Colégio de Aplicação da UFRGS dura, em média, 35 minutos.
3. O intervalo de tempo entre os ônibus da linha 375 – Agronomia/Informática (linha utilizada por mim para ir até a escola) é de 18 minutos.
4. No primeiro dia do mês de outubro do ano de 2015 (data desta aula) houve um acidente grave que acarretou no atraso de várias linhas de ônibus cujos

itinerários passam pela zona norte de Porto Alegre. A linha 375 Agronomia/Informática é uma dessas linhas.

5. Cheguei 45 minutos depois do início da aula no Colégio de Aplicação da UFRGS. A professora supervisora do estágio teve problemas pessoais e não pode comparecer à escola nesta data. Os alunos ficaram sozinhos durante 45 minutos até minha chegada.
6. Não era meu dia de sorte.

Sendo esses acontecimentos de conhecimento geral, prossegue o relato e análise da aula.

(Dia 01 de outubro de 2015. 11:15 – 45 minutos após o início da aula de teatro da turma 203. Tudo está em câmera lenta neste momento. Os passos pesados parecem atrasar ainda mais a chegada na sala de aula. Quanto mais rápido se quer andar, mais devagar é o deslocamento. Ofélia B., A Professora e A Artista tentam, sem sucesso, manter a calma. Elas ficam para trás. Surge então Maria Antônia, a Toninha. Ela respira fundo e sente a densidade do ar. Sem olhar para trás – ela aprendeu que olhar para trás pode doer- ela entra na sala)

Toninha: É tudo grande aqui. O chão é gelado. Eu não sei que lugar é esse. Eu não sei que gente é essa. Eles também não sabem quem eu sou. Tem grito aqui também. Mas é diferente. Ninguém parece sentir dor. Coloquei um pé depois do outro até chegar numa cadeira. Eles não me viram aqui, eu ainda estou do lado escuro. Fechei o olho pra continuar invisível. Eu falei que era grito que tinha aqui, mas não é grito. É música. Eu conheço música. Assim, de olho fechado, dá pra perceber. Eu gosto de música, ela traz um pouquinho de paz no coração. Eu ainda estou invisível, abri só um pouquinho o olho pra ver de onde vem esse tum tum tum que faz dançar. Quando a gente abre só um pouquinho o olho fica tudo meio enuviado, e no meio dessas nuvens que eu vi aqueles olhos. Eu fechei o meu rápido de novo pra ficar invisível. Mas aí eu senti que chegou gente perto de mim. Sabe aquela sensação de quando tu tá invisível mas alguém te vê e te toca? Foi isso, eu senti uma mão gelada em mim e abri o olho. Não estava na hora de ter medo. Tinha mais de um par de olhos me olhando e a música lá atrás, bem alta. Eu não me lembro quando foi a última vez que eu dancei. Não deu tempo de pensar muito e aquela mão gelada me puxou. Eu senti o meu coração batendo. Sabe quando tu tá nervosa e o coração bate em todo pedaço do corpo? Foi assim. Eu não sabia o que eu estava fazendo, mas aqueles pares de olhos esperavam alguma coisa de mim. Então eu olhei pra eles, e eu me vi ali. Sem nuvens.

Os olhos também estavam assustados, eram olhos de menino que tá descobrindo a vida. A vida parece mais bonita olhando daqui. Então nós começamos a dançar, devagar, que nem valsa. Aquele monte de olhos fizeram tudo parecer menos feio e frio e triste. A mão gelada me ensinou a dançar de novo e o grito que não era grito - era música – foi ficando mais alegre. Aquela sala que era grande, grande e fria foi enchendo de risada e o que dava medo ficou pequeno. A mão gelada veio de novo, mas agora em forma de abraço. No abraço cabe tanta coisa, é como segurar o mundo inteirinho no corpo de outra pessoa. Mas naquele abraço não coube o medo, só coube a alegria de conhecer a vida nova. E foi então que eu percebi que aquele tum tum tum que fazia dançar era o meu coração batendo de alegria em todo pedaço do corpo.

Quarta Aula – O reflexo de nós

OBSERVAÇÃO: Sugere-se que a leitura seguinte seja acompanhada da música “Hino ao amor”, na voz de Maysa Matarazzo.

Att.

Toninha.

(Madrugada do dia 15 de outubro para o dia 16 de outubro de 2015. As quatro personagens estão sentadas diante de um grande espelho. Ofélia B. pinta o rosto de branco enquanto Toninha penteia seus cabelos com muito cuidado. A Artista faz caretas e balbucia algumas sílabas como quem aquece a voz. Enquanto isso A Professora escreve sem parar, sem se preocupar com o reflexo no espelho.)

A Artista: O que você tanto anota nesse caderno, posso saber?

Ofélia B. Por que tudo tem que ser sempre tão silencioso? Você sabe cantar Toninha?

A Professora: Preparações, você viu como foi o ensaio hoje. Eles precisam marcar a coreografia. Estou fazendo um esquema para que eles não esqueçam o que fizemos.

Toninha: Eu gosto de música. *(E começa a cantarolar alguma coisa, quase inaudível)*

A Professora: E não me critique por isso.

Toninha *(cantando)*: Se o azul do céu escurecer, e a alegria da terra fenecer... Não importa querido, viverei do nosso amor..

(Ofélia B. olha nos olhos de Toninha através do espelho, encantada.)

Ofélia B. Essa Música é linda, continua!

(Toninha, um pouco tímida, atende o pedido e continua a cantar)

A Professora: Ficou muda? Jurava que ia vir uma crítica feroz por eu tentar controlar a arte e a criatividade dos alunos. Você sabe que eles tem em nós um porto seguro e por isso nós...

(Antes de completar a frase A Professora olha A Artista que com os olhos marejados observa o pequeno jogo que se instaurou entre Ofélia B. e Toninha)

A Artista: O meu porto seguro está dançando, e me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim...

A Professora: Por um tempo eu esqueci que nos lançamos a mar aberto. Os marujos que encontramos pelo caminho estão nos levando em direção a calmaria.

A Artista: Estão nos mostrando o quão corajosas devemos ser pra ser o porto seguro de alguém.

(A Professora agora lança o olhar sobre as duas figuras que se divertem em meio a música)

A Professora: O seu porto seguro é tão diferente de mim.

A Artista: Não pense que o teu controle não me traz segurança. Não esqueça quem foi minha primeira companheira de viagem... Ou melhor, minha primeira imediata!

(As duas riem e, surpreendentemente, A Artista se aproxima de Ofélia B. e Toninha e as três começam a dançar)

A Professora: Imediata nada, eu estou no comando também. Nós dividimos o posto!

A Professora volta a atenção novamente para o caderno onde fazia anotações. Antes que pudesse baixar a cabeça e se concentrar, ela vê seu reflexo no grande espelho e se perde na visão que teve. Seu cabelo estava preso bem no topo de sua cabeça e a maquiagem em seu rosto era branca e azul, assim como a de Ofélia B., ao olhar para baixo percebeu-se usando o uniforme de Toninha, tantas marcas e remedos escondendo histórias. Quando olhou nos próprios olhos, reconheceu o brilho que era tão típico da artista que sobe no palco. Foi então que ela percebeu:

A Professora: Não, nós não dividimos o posto de comando, nós somos.

Quarta Aula.1 – Uma pequena apresentação

(Dia 20 de outubro de 2015, 11:10. Corredor do Colégio de Aplicação, logo após a apresentação de uma pequena intervenção planejada para acontecer no meio da aula de biologia A Professora, A Artista, Ofélia B. e Toninha estão eufóricas)

Toninha: Foi bonito! Foi que nem ver passarinho voar pela primeira vez!

A Artista: E como voam esses aí! Pude me enxergar refletida no brilho dos olhos de cada um.

A Professora: Sinto que meu coração vai sair pela boca.

(Ofélia B. rapidamente coloca a mão sobre os lábios da Professora)

Ofélia B.: Não deixe escapar o motor que faz tudo isso girar.

A Artista: Coração de capitã!

Toninha: Faz girar e mudar, e melhorar. Aqueles olhos não mentem jamais. O trabalho já está feito. A semente já foi plantada e agora o raminho de flor quer desabrochar. E o coração bom é o jardineiro.

A Artista: No final das contas, a segurança do nosso porto está em ti.

(A professora sorri por debaixo das mãos de Ofélia B. e seus olhos dizem tudo)

Quinta Aula – Entre pinturas e brincadeiras

(Dia 22 de outubro de 2015, em uma tarde ensolarada as quatro figuras descansam a sombra de uma árvore frondosa em meio à grama verde. A luz do sol reflete no rosto de cada uma delas)

A Professora: Não lembro quando foi a última vez que nos divertimos dessa maneira.

Ofélia B.: Eu dançaria naquela sala o dia inteiro, com eles. Você lembra o que falei sobre ensiná-los a dançar?

A Artista: Ensiná-los... Será que realmente ensinamos alguma coisa a alguém?

A Professora: Ensinamos, ensinamos soltar as amarras.

A Artista: Isso é bem verdade. Percebeu como eles estão mais à vontade com jeito como dançam e que criam cada vez mais?

Ofélia B.: Eles tem corpos, e eles se mexem. São dançarinos. Foi como tirar todos os espelhos da frente deles... sem reflexo, sem julgamento.

A Professora: E fizemos isso brincando.

A Artista: Quem diria que estaríamos brincando na sala de aula...

A Professora: Existe um certo tabu quando falamos de brincadeira, logo que pronunciamos tal palavra, vem a mente um mundo infantil, que, talvez para os parâmetros adultos, não mereça ser levado a sério.

A Artista: E o que é ser adulto se não viver para ser levado a sério?

Ofélia B.: Eu não quero crescer.

A Professora: Mas crescer é preciso...

A Artista: Concordo com Ofélia B.

A Professora: Você concorda? Desde quando você não quer crescer?

A Artista: Não é não querer crescer, é o processo envolvido que me desagradava.

A Professora: Você está com medo!

A Artista: Talvez, eu nunca disse que não tinha medo...

Toninha: Coragem, não é ausência do medo, mas o julgamento de algo é mais importante que o medo.

A Professora: Quando foi que nossa conversa se tornou tão pessoal?

A Artista: E quando ela não foi tão pessoal? Quando foi que não falamos de nós? Quando foi que não analisamos nossos alunos a partir do nosso olhar? Quando foi que nossos passos não foram nossos? Mesmo os teus passos são meus passos. Sempre foi sobre nós.

A Professora: Está bem, não está mais aqui quem falou.

Ofélia B.: Está, está sim!

Toninha: E sempre vai estar. Se os teus passos são os meus passos, a tua voz é a minha voz. Quando eu falo tem um pouco de você.

A Artista: Sinto que estamos nos borrando, como numa pintura aquarela em que o vermelho se mistura com o amarelo e a gente não vê mais onde começa um e termina o outro.

A Professora: Talvez esse seja o nosso crescer, misturar um pouco de água em nossas cores e..

Toninha: E brincar!

Sexta Aula – Uma cena de teatro

(Dia 29 de outubro de 2015. Em algum momento do dia. A professora e A Artista hoje não conversam. Se esta cena fosse montada no teatro, estariam ambas no palco, sentadas, uma de costas para a outra. Entre elas uma parede, que talvez seja visível. Silêncio. O que se escuta é o bater ritmado do relógio e, com algum esforço, a própria respiração.)

A Artista: Está tudo nebuloso agora. Como uma grande nuvem densa e pesada que cobre meus olhos. É como quando a gente abre só um pouquinho o olho fica tudo meio enuviado. Estou enxergando o mundo a partir daí. Tento olhar para as minhas próprias mãos e não as vejo. Pedacos de mim já não são mais meus. E, de repente, o turbilhão começa. Estou presa em meio a essa força que me arrasta e dilacera. Não sei dizer se isso me dá prazer ou não. Entro na sala, subo no palco.. Tudo borrado, fronteiras diluídas. Tanto em comum e tanto que diverge. Então eu as sinto novamente. Minhas mãos. Minhas mãos? Não reconheço essa aspereza. Talvez estejam ficando calejadas. Isso é sinônimo de crescer? Ter as mãos calejadas e a visão turva? É inevitável que, a essas alturas, as inseguranças venham à tona como fantasmas que pairam pela estrada lamacenta que atravesso. E quanto mais me debato em busca de respostas, mais e afundo nas dúvidas.

A Professora: Eu me sinto só. Sinto que, talvez, eu tenha que dar passos para trás para enxergar melhor onde estou. Mudando o ponto de vista talvez seja possível desembaralhar essa confusão. Está tudo bagunçado. Eu me sinto só, pela primeira vez desde que começamos, eu me sinto só. Como se eu fosse a face de um dado que é jogado constantemente e não traz sorte. Como foi que cheguei aqui? Quando foi que permiti me deixar levar dessa maneira? Eu me sinto só. Só em uma sala vazia. Só, só,

só. Só eu e o silêncio da incerteza. Meu silêncio. Sinto que me calei diante da dificuldade e por isso fui engolida. Não soube lidar com a diferença. Talvez seja por isso que me sinto só. Talvez.... está aí mais uma incerteza.

Por hoje elas não conversaram, elas não se viram. Deixaram que a solidão dos pensamentos as invadisse. Por hoje não houve música nem loucura, apenas o bater do relógio e a insanidade dos pensamentos. Por hoje elas não conversaram, por hoje a vaidade deu lugar as nuvens, que vieram impiedosas e mudaram coisas de lugar.

Por hoje elas não conversaram. Será?

(As duas permanecem de costas uma para a outra, se esta cena fosse montada no teatro, as luzes iriam abaixando gradualmente até que os olhos do público se acostumassem com a escuridão.)

Sétima Aula – A sensação de ser olhada

(Dia 05 de novembro de 2015. 10:40, início da aula. As quatro estão no Colégio Aplicação. Os planos para a aula de hoje não deram certo. O material necessário não está disponível. O professor orientador estará lá para observar. Sem maiores pensamentos, inicia-se a aula.)

A Professora: Vamos começar com o que já estava planejado e observamos como flui.

A Artista: Ótimo, você conduz e eu observo.

(Enquanto a professora conduz o início da aula, Toninha e Ofélia B. sentam-se ao lado do professor, que observa atentamente o que se passa. A Artista se concentra em apoiar a professora.)

A Professora *(olhando com certa súplica para as outras)*: Eu fiz o que estava ao meu alcance, agora...

(Antes que ela pudesse concluir A Artista intervém. Toma as rédeas e conduz outro exercício)

A Professora: Não está dando certo...

Toninha: Deixa não dar certo. Às vezes o certo é chato.

(A Professora está nervosa com a presença do professor, alterna a sua atenção entre ele e entre o que A Artista está fazendo. Ofélia B. lhe dá a mão.)

A Professora: Já se passou metade da aula e isso está muito ruim. Essas propostas não estão rendendo como deveriam

A Artista: Estou tentando, é o melhor que eu pude pensar.

A Professora: Eu deveria ter um plano B, um C, um D, um E...

A Artista: Sim, deveríamos.. mas o teatro também é a arte do improviso.

Ofélia B. O que está feito, está feito.

Toninha *(referindo-se ao professor)*: Olha, ele está indo embora. Não parece triste com o que ele viu.

A Professora: Não sei estou feliz ou triste com o que vi...

Ofélia B.: De nada adianta lamentar... Essa aula esta boiando em suas vestes como se fosse uma sereia. Não deixarei que se arraste até uma morte lamacenta.

(Ofélia B. se levanta e vai até os alunos. Propõe que eles dancem.)

A Professora: É claro que Ofélia propõe que eles dancem, ela sempre propõe que eles dancem.

Toninha: Parece o certo a fazer, você não queria que desse certo?

A Artista: Ora, vejam só! Ela não está louca de verdade.. é louca apenas por astúcia.

A Professora: Inconsciente da própria desgraça...

Toninha: Me parece certo dançar também agora

Enquanto A artista e Toninha se juntam aos alunos e Ofélia B., A Professora se perde, uma vez mais, em seus pensamentos. Percebe que a deixa nervosa é saber que alguém a observa. Esse alguém não é seu professor. Ela sabe que ela se observa como ninguém. E aqui, sentada, distante do que antes ela jugava sem piedade, percebe que sua crítica é o seu pior carrasco e ela precisa controlar seu desejo impetuoso de desacreditar.

Oitava Aula – Tempos fluidos

(Dia 19 de novembro de 2015. Toninha está sentada a beira de uma piscina de águas claras, ela brica com os pés dentro da água enquanto observa seu reflexo)

Toninha: É assim que eu me vejo agora, um reflexo na água. Quando a gente se olha na água não fica certinho como no espelho, tudo balança. Balança e muda. Acho que nasci sendo reflexo na água. Nasci torta, e abracei isso. Aprendi a ver o bonito no que não tem forma. Sou um reflexo destorcido de mim mesma.

(do outro lado da piscina está A Artista, deitada, olhando para o céu, sua mão está dentro da água.)

A Artista: Eu já fui muitas coisas. Cada uma delas parte de mim. Mas isso nem sempre foi tão claro. Já fui tantas e ainda serei muitas. Comecei como um marinheiro e agora já não sei mais em que ponto estou. Só posso olhar para trás e ter certeza de onde parti. O que era quando comecei. Onde estava quando dei o primeiro passo. O que sentia quando fiz os primeiros planos. Eu fui uma sonhadora.

(A Professora está entre as duas, como se fosse a ponta de um triângulo. Ela olha para o horizonte.)

A Professora: Às vezes, eu gostaria de dar uma olhada no que está por vir, só pra ter a certeza de que estou no caminho certo. É contraditório não é? Ter certeza do futuro sendo o futuro algo tão incerto. Ao menos pra mim. Nunca tive uma visão clara do que eu quero ser. Almejo muitas coisas, mas o querer... do querer eu nunca tive certeza. O que eu serei?

(E Ofélia B.?)

Ofélia B. está debaixo d'água, submersa olhando o mundo de outra perspectiva. Aqui de baixo ela enxerga presente, passado e futuro. Cada um a sua maneira, cada um a sua beleza. É incrível como depois de tudo que se passou ela ainda se sinta a vontade com essas águas. Talvez por que estas não sejam turvas, afinal. Talvez porque a vida é feita de ciclos e no final das contas, tudo termina conosco.

Nona Aula – Últimas costuras

Estamos no dia 26 de novembro, a aula já se encerrou. A sala está vazia. Não há Professora, Ofélia, Maria Antônia ou Artista. Não há vestígios delas.

Não há?

Olhando mais atentamente talvez se perceba um pouco de cada uma delas ali. Ali, no pátio da escola. Sentadas nas escadas, conversando com os amigos, estudando, lendo. Elas agora se multiplicaram, são 13 no total. Os pares de olhos que tanto assustaram Toninha agora carregam consigo um pouco de sua história. As pernas que no início tremiam só de pensar em dançar, agora bailam com a força e coragem de Ofélia B.

Ouso dizer que se prestar ainda mais atenção, perceberá que a mudança ainda foi maior. O navio zarpou. Universos foram descobertos. A janela foi aberta, o vento entrou e balançou. Os olhos se abriram e clarearam tudo. Não são mais 4 vozes que falam. Agora na fala há também um pouco de Luís, de Renatha, de Karolina, de Isabela, de Mariana, de Andrielli, de João, de Rafaela, de Millena, de Jade, de Eduardo, de Carina e de Fernando. E essas vozes se transformam, e acrescentam.

A sala está vazia. Mas nunca esteve tão cheia de voz.

O Arranjo Final

No final das contas ela não está sozinha. No final das contas não há nem insegurança, nem vaidade, nem gritos, apenas a música.

E enquanto alguns passos desajeitados tentam acompanhar a música ela se permite deixar levar pela escuridão de seus pensamentos. Ela se joga na imensidão das águas que um dia tanto lhe trouxeram medo e agora vaga tranquila por onde antes havia tormenta.

Em cima de si sente os pares de olhos que a observam com atenção.

No final das contas ela não está sozinha. Nunca esteve e os pares de olhos não a deixam esquecer disso. À medida que eles se aproximam ela volta à melodia que antes a embalava. É puxada pela mão e agora dança ciranda. A razão, o sentimento, a loucura e a certeza de mãos dadas... e bailando leve.

Ela sabe que nem sempre foi assim e nem sempre será. Ela sabe que o desconhecido, constantemente estará por vir, e isso a assusta.

- Mas você não precisa ter medo.

(Ecoa uma voz)

- Quem disse isso?

Não importa. No final das contas ela não está sozinha.

FIM (?)

Aonde chegamos até agora?

“A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa, ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (LARROSA, 2002, p. 21)

Pensando desta forma, posso definir assim a realização desse estágio: uma experiência. Experimentar novas práticas, experienciar novas maneiras de ver o mundo, de me colocar diante dele, experimentar novas sensações. Muitas vezes me vi pequena diante de circunstâncias da sala de aula e tive que aprender a supera-las. Os alunos da turma 203 me ajudaram a descobrir a professora – e também a artista- que eu sou, ou melhor, que estou me tornando.

Essa experiência na escola me faz refletir sobre ser professora de teatro, que se mostra ser mais do que mexer com as estruturas vigentes na escola. Ser professora é mexer-se também. Desafiar-se e conhecer-se. Muito parecido com o que a arte – e quando falo em arte aqui, me refiro ao teatro – proporciona. E foi isso que tentei levar aos meus alunos, um pouco da minha paixão e da minha vontade de fazer teatro, o que me move e desafia. Tentei ensiná-los que o teatro surge dentro de nós e que para se fazer teatro é preciso mais do que figurinos e cenários, é preciso confiança – em si e no grupo. E enquanto tentava ensinar, aprendi. Aprendi a exercitar o olhar, sobre mim, sobre os alunos e sobre o trabalho. Pude olhar tudo de maneiras tão diferentes, no olhar do outro (ou dos outros) encontrei meu próprio ponto de vista – que assim como a pedagogia do teatro, não é imutável. Sobre este olhar, Maria Lúcia Pupo diz:

“Parece-me fundamental, em todas as dimensões do cotidiano, principalmente em situações de guerra, que sejamos capazes de, por um instante – mesmo que seja por obra da ficção –, colocarmo-nos no ponto de vista do outro e vermos o mundo com olhos, digamos, emprestados. Esse é o grande milagre do teatro[...].” (PUPO, 2010)

Ao longo da trajetória que trilhei na realização dessa pesquisa, mudei diversas vezes de olhar e coloquei em prova o termo professor-artista por várias vezes. Durante o decorrer das aulas e conforme as vozes iam surgindo, percebi que ser professora de teatro não é a união entre o professor e o artista. Sou uma só, sendo várias. O termo

em questão não dá a ideia da totalidade e a dimensão do que sinto dando aula de teatro. Porém, ainda acredito no casamento destes seres que me acompanharam e me acompanham. Na falta de expressão melhor, por hora, categorizo-me como professora-artista.

Iniciei esta pesquisa com o intuito de responder de que maneiras posso levar a arte que faço para dentro da sala de aula. Levei. Debati sobre ela. E agora, mais uma vez lançando outros olhares, me pergunto como a experiência na escola “contamina” meu trabalho fora dela. Não deixo de ser artista quando sou professora da mesma maneira que não deixo de ser professora quando sou artista. E, em meio essas divagações surgem outras dúvidas. Buscando por respostas encontrei muitas questões. Buscando por identidade, encontrei muitas vozes. E muitas delas surgirão.

Sendo assim, icem as velas e vamos ao próximo porto.

P.S.: Acredito que a experiência vai além das palavras aqui escritas. Este trabalho se desenvolveu através de um diálogo e assim pretende seguir. Para tal, deixo aqui o número do meu telefone. Caso haja interesse, fico a disposição para marcarmos uma conversa e trocarmos experiências. Quantas novas vozes podemos encontrar?

Agradeço a generosidade do seu olhar até aqui.

Bruna

(A Artista, A Professora, Toninha e Ofélia B.)

(51) 9760.7318

Referências que encontramos

ALBACAN, Aristita Ioana. O Flashmob como Performance e o Ressurgimento de Comunidades Criativas Rev. Bra s. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 8-27, jan./abr. 2014. Disponível em : < <http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/44019/28259>>. Consultado em 25 de novembro de 2015.

ALMEIDA, José Simões Jr. Reflexões acerca do estágio curricular na formação do professor licenciado em teatro. In. Educação em Revista. Vol. 29 2013. p. 43-64

CABRAL, Beatriz Ângela V. O professor-artista: perspectivas teóricas e deslocamentos históricos. In: Urdimento. Revista de Estudos em Artes Cênicas da UDESC. Vol. 10, 2008. P. 39-48

DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. Professor-artista ou artista e professor? In. DAPesquisa. Revista do Centro de Artes da UDESC. Nº8, 2011.

DELLA COSTA, Rossana Perdomini. Experiências de formação do professor artista: cenários de apaixonamento entre teatro e educação no curso de Graduação em Teatro: Licenciatura da FUNDARTE/UERGS. Orientador: Gilberto Icle. Porto alegre. 2009

FAVERO, Sandra Maria Correia. As inquietações do Artista-professor. In DAPesquisa. Revista de Investigação em Artes. Vol. 2 , 2006.

FERNANDES, Rodrigo Marques. Quando uma aula de teatro é teatro? Faculdade de Educação, UFRGS. 2008. Disponível em < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33303/000688282.pdf?sequence=1>> Consultado em 28 de junho de 2015.

ICLE, Gilberto. Diagnóstico e Terapêutica : O Professor-Ator contra a banalização. In. Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação/ [organizado por] Gilberto Icle – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In. Revista Brasileira de educação. Nº19, 2002. p. 20-28

PUPPO, Maria Lúcia. Teatro e educação formal. In. Teatro na escola: experiências e olhares. Org. Glauber Corradesqui. Distrito Federal. Fundação Athos Bulcão. 2010. Disponível em <file:///C:/Users/bruna/Downloads/ppdc-2015-2016-teatro-e-educacao-formal-pupo%20(1).pdf>. Consultado em 09 de dezembro de 2015.

RACHEL, Denise Pereira. Adote o artista não deixe ele virar professor: Reflexões em torno do Híbrido professor performer. Instituto de Artes da UNESP. São Paulo, 2013

RYNGAERT, Jean-Pierre. Jogar, representar. São Paulo: Cosac Naify, 2009

VIDOR, Heloíse Baurich, A pedagogia pós-crítica na ação do professor-artista: a interação entre o pedagogo e o ator na sala de aula. Anais do V Congresso Abrace. 2008. Disponível em <
<http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia/Heloise%20Baurich%20Vidor%20-%20A%20pedagogia%20pos-ritica%20na%20acao%20do%20professor-artista%20a%20interacao%20entre%20o%20pedagogo%20e%20o%20ator%20na%20sala%20de%20aula.pdf>> Consultado em 28 de junho de 2015.